

LICENÇA

Copyright (c) 2024 CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/4543>. Acesso em: 24 out. 2024.

Referência

TEIXEIRA, Lourenço Silva; VOLTARELLI, Monique Aparecida. Adulto atípico: uma experiência com crianças da educação infantil no Distrito Federal. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 1, p. 5509–5524, 2024. DOI:

10.55905/revconv.17n.1-329. Disponível em:

<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/4543>. Acesso em: 24 out. 2024.



Adulto atípico: uma experiência com crianças da educação infantil no Distrito Federal

Atypical adult: an experience with children in early childhood education in the Federal District

DOI: 10.55905/revconv.17n.1-329

Recebimento dos originais: 22/12/2023

Aceitação para publicação: 24/01/2024

Lourenço Silva Teixeira

Mestre em Educação

Instituição: Universidade de Brasília

Endereço : Brasília – Distrito Federal, Brasil

E-mail: lorencos88@gmail.com

Monique Aparecida Voltarelli

Doutora em Educação

Instituição: Universidade de Brasília

Endereço: Brasília – Distrito Federal, Brasil

E-mail: mvoltarelli@unb.br

RESUMO

O artigo apresenta um recorte da perspectiva metodológica de uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Profissional da Universidade de Brasília. O foco da pesquisa foi investigar as geografias e relações espaciais das crianças em uma instituição de educação infantil. Na pesquisa, adotou-se a abordagem de ser um "adulto atípico" no campo, inspirado na pesquisa de Corsaro (2005), e no texto é apresentado como essa presença foi recebida pelas crianças. A metodologia utilizada na pesquisa envolveu a observação participante, em que o pesquisador atuou como adulto atípico em uma instituição de Educação Infantil. Foram registradas experiências diárias em um diário de campo, utilizando também fotografias, vídeos, desenhos das crianças e gravações de áudio como suportes para a investigação. O texto destaca a transição de uma abordagem de "pesquisa sobre crianças" para "pesquisa com crianças", destacando a importância de considerar as crianças como sujeitos de direitos e produtores de cultura. Os autores abordam a aceitação do pesquisador como um "aluno novo" pela turma de crianças, destacando os desafios e questionamentos enfrentados inicialmente. Na conclusão, destaca-se a importância da experiência de ser um adulto atípico, que permitiu romper barreiras convencionais entre o mundo adulto e o universo infantil. A pesquisa proporcionou uma visão única sobre a autonomia, curiosidade e expressão espontânea das crianças, destacando a necessidade de ambientes educacionais mais inclusivos e sensíveis às individualidades e necessidades da primeira infância.

Palavras-chave: educação infantil, pesquisa com crianças, adulto atípico.



ABSTRACT

The article presents an excerpt from the methodological perspective of a master's research in the Postgraduate Program in Education Professional Master's Degree at the University of Brasilia. The focus of the research was to investigate the geographies and spatial relations of children in an early childhood education institution. The research adopted the approach of being an "atypical adult" in the field, inspired by Corsaro's research (2005), and the text presents how this presence was received by the children. The methodology used in the research involved participant observation, in which the researcher acted as an atypical adult in an Early Childhood Education institution. Daily experiences were recorded in a field diary, and photographs, videos, children's drawings and audio recordings were also used to support the investigation. The text highlights the transition from an approach of "research on children" to "research with children", emphasizing the importance of considering children as subjects of rights and producers of culture. The authors address the acceptance of the researcher as a "new student" by the class of children, highlighting the challenges and questions faced initially. The conclusion highlights the importance of the experience of being an atypical adult, which allowed conventional barriers between the adult world and the world of children to be broken down. The research provided a unique insight into children's autonomy, curiosity and spontaneous expression, highlighting the need for educational environments that are more inclusive and sensitive to the individualities and needs of early childhood.

Keywords: Early Childhood Education, Research with Children, Atypical Adult.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto trata-se de um estudo com resultado de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Profissional da Universidade de Brasília. A pesquisa que teve como foco a investigação das geografias e relações espaciais das crianças dentro de uma instituição que oferece Educação Infantil, tendo neste trabalho, como aspecto central, a inserção do pesquisador nos espaços e lugares frequentados pelas crianças, assumindo o papel de adulto atípico (Corsaro, 2005), além de apresentar de que maneira essa presença foi recebida por elas. O estudo oferece uma análise da inserção e aceitação do pesquisador no campo investigado.

As investigações acerca das infâncias e crianças têm sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento (Sarmiento; Pinto, 1997, p. 1). Contudo, a partir da década de 90, emergiram estudos sobre as infâncias sob uma perspectiva social. Após a realização da Convenção dos Direitos da Criança (1989) pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 20 de novembro de 1989, a Sociologia da Infância consolidou-se como uma área de produção científica. A partir desse momento, a ótica, visão, direitos e diversidade das infâncias



passaram a integrar as pesquisas. Segundo Sarmiento (2005), a Sociologia da infância busca compreender a infância como objeto sociológico, afastando-se das perspectivas biologistas que a reduz e a coloca apenas pela vertente como uma das fases de desenvolvimento humano, assim como das abordagens psicológicas que a interpretam como desenvolvimento independente das condições sociais e representações historicamente construídas sobre elas.

Os Estudos Sociais da Infância é campo interdisciplinar, caracterizado pela contribuição teórica e metodológica de diversas áreas do conhecimento, como Sociologia, Antropologia, História, Filosofia e Pedagogia. Esses estudos proporcionam novas perspectivas sobre as crianças e a pesquisa com elas, consolidando-se como um campo teórico no Brasil. Essa abordagem representa uma ruptura ao considerar a criança como produtora de cultura, alterando o paradigma de uma criança incapaz e indefesa para uma imagem de criança ativa e social, envolvida em descobertas, apropriações, interpretações e transformações da realidade (Marques, 2017).

A infância desempenha um papel crucial na sociedade, integrando a estrutura social e econômica. Abordar o conceito de geração implica considerar a infância como um grupo com estatuto social diferenciado, uma construção histórica interpretada pela sociedade não apenas pela faixa etária, mas pela maneira como é percebida (Marques, 2017). A Sociologia da Infância contribui para uma nova leitura da Educação Infantil, rompendo com paradigmas estabelecidos. Reconhece e respeita as crianças como sujeitos de direitos e produtores de cultura, destacando a necessidade de a instituição de Educação Infantil cumprir sua função social, política e pedagógica. É fundamental abandonar abordagens adultocêntricas também nas pesquisas acadêmicas para promover a participação das crianças nas produções divulgadas.

Com a consolidação desse campo e a conquista de direitos, desenvolveu-se uma nova vertente metodológica, na qual os estudos passaram a ser conduzidos com as crianças, não apenas sobre elas. As crianças organizam e vivem suas infâncias de acordo com sua cultura, mesmo que os mundos sociais da infância sejam construídos a partir dos mundos sociais dos adultos (pais, professores e mídia). Culturas, linguagens e o imaginário ocupam espaços de maneiras únicas. As instituições de Educação Infantil são espaços sociais onde as crianças vivenciam ativamente suas infâncias, mesmo em ambientes que nem sempre propiciam sua participação (Nascimento, 2009).

Sob a ótica da Sociologia da Infância, as instituições não são apenas espaços concedidos às crianças pelos adultos; são arenas sociais (Halldén, 2005, p. 3) onde as crianças são agentes



ativos de suas infâncias e culturas infantis. Assim, as instituições de Educação Infantil se configuram como uma arena para crianças, sendo espaços sociais de produção de cultura, onde as crianças brincam, interagem, constroem relações e expressam suas opiniões, vozes e vontades (Qvortrup, 2014). E foi nesses espaços em que se buscou, neste estudo, investigar as culturas infantis, a partir de uma metodologia na qual o pesquisador se inseriu no campo como um adulto atípico, inspirado em estudo de Corsaro (2005), a pesquisa encontra dentro da área da antropologia contribuições da etnografia que segundo o autor:

é o método que os antropólogos utilizam mais frequentemente para estudar culturas exóticas. Este método requer que o investigador entre, seja aceito e participe nas vidas daqueles que estuda. Neste sentido, a etnografia implica, por assim dizer, 'tornar-se nativo'. Estou convencido de que as crianças têm as suas próprias culturas e eu sempre quis tornar-me parte de e documentá-las. Para fazer isso eu precisei entrar nas vidas quotidianas das crianças - para ser uma das crianças o melhor que pudesse (Corsaro, 2005, p. 446).

Corsaro relata sua inserção e aceitação no campo como adulto atípico (ou adulto incompetente). Em seu artigo aborda os desafios enfrentados ao realizar pesquisa etnográfica com crianças pequenas, considerando a percepção dos adultos como poderosos e controladores de suas vidas. O autor retoma suas pesquisas comparativas em pré-escolas nos Estados Unidos e na Itália, destacando a entrada no campo, o estabelecimento do status de participante e a coleta de notas de campo e dados audiovisuais. O texto revisa os procedimentos de entrada no campo utilizados em ambos os locais, ressaltando a transição gradual de uma abordagem de "pesquisa sobre crianças" para "pesquisa com crianças", em que os métodos de coleta de dados passam a incorporar mais diretamente a contribuição das crianças.

O estudo de Corsaro não é utilizado como um protocolo para realização deste, até mesmo porque em cada contexto a relação com as crianças se dará de forma diferente. Entretanto a inspiração que encontramos nas investigações realizadas pelo autor, estão na ética na realização da pesquisa, e na maneira de abordar paulatinamente o contexto das crianças e as formas de inserção e registo do campo. Ele relata que para ser aceito pelas crianças da sua pesquisa, precisou se despir de características adultas para ser considerado pelas crianças o que ele chama de "adulto atípico". Esse adulto atípico renúncia das obrigações sociais e das relações de poder (Foucault, 2004) para de maneira o mais igualitária possível, participar e conviver com as crianças.



2 PESQUISA SOBRE CRIANÇAS X PESQUISAS COM CRIANÇAS

Os Estudos Sociais da Infância, e as discussões de ética da pesquisa com criança, tem promovido quebras de paradigmas e novas formas de realizar pesquisas com essa geração. Fugindo de visões adultocêntricas e leituras de realidade, distantes das crianças, este estudo se propôs a realizar uma investigação que também divulgasse as diferentes linguagens e repertórios dos pequenos. Foi considerado como importante que elas próprias nos digam como são os modos que vivem suas infâncias.

A pesquisa realizada tem metodologia qualitativa e foi realizada com as crianças e não somente sobre elas. Para tanto, foi feita uma escolha que atendesse ao problema de pesquisa, e ao mesmo tempo respeitasse os pequenos e que os trouxesse como principais sujeitos. A metodologia escolhida trouxe o olhar e a cultura infantil para o estudo, com revisões frequentes as possíveis posturas adultocentricas por parte do pesquisador, as quais foram constantemente evitadas, num desafio constante de manter a perspectiva das crianças como foco da pesquisa. Dentro do campo dos Estudos Sociais da Infância, as pesquisas procuram levar em consideração as crianças como sujeitos de direitos, e os dados representam o que elas dizem, e não o que dizem sobre elas:

A sociologia da infância tem vindo a discutir esse aspeto desde há algum tempo, no intuito de não se assumir tacitamente essa relação hierárquica e se pensar em formas alternativas de construir relações de pesquisa com as crianças, que sejam mais horizontais e respeitadoras da criança enquanto ator social (Fernandes, 2016, p.770).

Foi utilizada como técnicas de pesquisa a observação participante que é definida por André (2012), como técnica de pesquisa que parte do princípio de que haverá interação dos sujeitos com os pesquisadores, e nessas interações são gerados os dados.

Realizando a pesquisa com crianças, não existe a possibilidade de realizá-las sem participar do contexto, as crianças interagem, se comunicam e se socializam com as pessoas que surgirem no ambiente escolar. Dentro dos Estudos Sociais da Infância, se entende que é parte da ética de pesquisa, escolhas metodológicas que favoreçam a participação das crianças na geração dos dados (Marchi, 2018). A observação é um desses instrumentos que permite ao pesquisador o registro das vozes, gestos linguagens infantis, trazendo como centro a criança dentro do método, exigindo rupturas com o modo adultocêntrico de realizar pesquisas:



Nosso principal desafio é romper com estereótipos e preconceitos sobre as crianças e suas culturas, para nós ainda estranhas e exóticas. O enfoque tem sido compreender as diferenças com uma perspectiva de falta ou carência de algo, o que leva a traçar modelos de educação, de organização do espaço e tempo das crianças, embora não haja estudos considerando o que pensam as crianças sobre as nossas pedagogias. (Delgado, Muller, 2005, p.6)

Martins Filho e Barbosa (2010, p.12) também contribuem com esse ponto revelando a importância de realizar metodologias que aproximem o pesquisador da criança pequena e realize essa interlocução geracional, eles apontam a importância da realização de observações das crianças, pois não, “não dedicamos um tempo suficientemente necessário à observação das crianças e ao modo como elas produzem suas culturas, suas formas de socialização e suas maneiras de interpretação das coisas que vivem, experimentam, criam e recriam.” (Martins Filho, Barbosa, 2010, p.12).

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa compreendeu trinta observações participantes, durante um semestre, nas quais o pesquisador atuou como adulto atípico em uma instituição de Educação Infantil pública na Região Administrativa de Ceilândia, a maior do Distrito Federal. Essas observações totalizaram 150 horas de convívio direto com as crianças, proporcionando uma imersão significativa na cultura infantil e na vivência das infâncias na referida instituição. Embora a pesquisa tenha enfrentado desafios associados ao inesperado, proveniente da alteridade, esse elemento imprevisto se revelou valioso para a investigação, enriquecendo a compreensão das dinâmicas observadas.

O registro da pesquisa foi realizado por meio de um diário de campo, no qual foram anotadas as experiências diárias vivenciadas nas instituições. O uso de um aparelho celular possibilitou a captura de fotografias e vídeos, enquanto desenhos fornecidos pelas crianças e pela professora foram incluídos para análise. Além disso, um aparelho de gravação de áudio foi empregado como suporte à investigação. A discussão e análise dos dados gerados envolveram a consulta ao projeto político pedagógico, legislações, Currículo em Movimento do Distrito Federal (Distrito Federal, 2018) e o diálogo com o referencial teórico da sociologia e geografia da infância, contribuindo para a compreensão das relações com os espaços e das culturas infantis.

A produção de arquivos a partir de fotografias e vídeos resultou em 772 registros, dos quais algumas foram selecionadas para compor este trabalho e o produto final proposto pela



pesquisa. Muitas dessas imagens foram produzidas pelas próprias crianças, outras pelo pesquisador, documentando brincadeiras, atividades promovidas pelos adultos da instituição e a relação das crianças com os espaços destinados a elas. Os desenhos, originados de brincadeiras e diálogos entre o pesquisador e as crianças, totalizaram 48 peças. Os 54 arquivos de áudio, embora algumas contenham ruídos não aproveitáveis, representam horas de gravação que podem ser exploradas em estudos futuros. Entretanto, para o presente texto, buscou-se apresentar perspectivas participativas de um investigador com as crianças em uma instituição de Educação Infantil.

4 ALUNO NOVO: A EXPERIÊNCIA DE SER ADULTO ATÍPICO

Foi agendado uma data para apresentação do projeto e objetivos de pesquisa com a instituição pesquisada. Nesta visita, o coordenador da Educação Infantil, o vice-diretor e a supervisora pedagógica da instituição escutaram atentamente a proposta e direcionaram uma turma para a realização da pesquisa, com o critério de que esta tinha pais que já haviam autorizado direitos de imagens em sua totalidade, e que seria um facilitador nas autorizações que precisaríamos.

O pesquisador foi apresentado para a professora da turma, e foi explicado pela própria direção que não seria um estágio e que o visitante não seria um ajudante da turma, o vice-diretor utilizou a seguinte expressão para mediar e apresentar a proposta da pesquisa para a docente: “- *Ele vai ser seu aluno novo, e vai acompanhar as crianças nas atividades e não vai poder vigiar ou cuidar delas nas suas ausências*” (Notas de campo, 05/05/2022). A professora demonstrou abertura para a pesquisa e marcamos o início para após a assinatura dos termos de autorização das famílias. Os nomes apresentados nos diálogos são fictícios e escolhidos pelas próprias crianças. Chegado o primeiro dia, iniciou-se a tentativa de ser aceito como o adulto atípico pelas crianças, a seguinte nota de campo ilustra os primeiros contatos com as crianças:

Na sexta-feira, às 13:30, chego até a escola com frio na barriga. Minha entrada no campo se deu de maneira inesperada, a professora realmente topou a ideia da pesquisa anunciada no dia anterior e com minha chegada me anunciou como novo “aluno” da turma: - *crianças, esse é o Lourenço, novo aluno da turma, todo mundo dê bom dia para ele.* – disse a professora. Eu, procuro uma carteira em meio as crianças e desde então começam a vir olhares de estranhamento direcionados a mim. Uma garota, foi a primeira a levantar da cadeira para ir até a sua garrafa de água e ficar me observando de cabeça aos pés assim que eu cheguei (Notas de Campo, 05/05/ 2022).



A professora da turma seguiu o rito costumeiro de início da tarde, cantando músicas citando o nome das crianças, inclusive o do pesquisador. A presença atrapalhou um pouco a rotina, as crianças estavam curiosas em saber o porquê de um “aluno novo” que mais parecia um outro adulto, estar ali na sala. Aconteceram muitos interrogatórios, questionamentos, cobranças e elas foram me explicando aos pouquinhos o que se precisava para estar ali com elas, um dos primeiros questionamentos foi o da estranheza do tamanho:

Melancia¹: *Por que você é tão grande?*

Pesquisador: *Acho que é porque eu já cresci um pouco*

Melancia: *Mas você vai estudar com “nois”?*

Pesquisador: *Sim, agora eu sou dessa sala.*

Melancia: *Cadê sua agenda? Já entregou para a professora*

Pesquisador: *Eu não trouxe hoje.*

Melancia: *Sua mãe tem que comprar.*

(Notas de Campo 05/05/2022)

As cadeiras da sala de referência eram bem pequenas, já que eram móveis de crianças de 4 anos, e o pesquisador estar sentado ali bem apertadinho trouxe estranheza e uma situação cômica para as crianças. Mesmo que provocasse dores nas costas, até o final da pesquisa, foi utilizado a mesma mobília utilizada pelas crianças, ainda que alguns adultos da instituição tivessem oferecido cadeiras acochadas ou mesas maiores. Ainda no primeiro dia, questionaram a aparência:

Ariel: *Você não quer fazer xixi (respondi balançando a cabeça negando)*

Aventureira: *Você vai estudar com “nois” na nossa sala?*

Pesquisador: *Vou ser colega de vocês!*

Aventureira: *Você é grande, sua mãe furou sua orelha? (não respondi essa)*

Frozen: *Meu irmão também tem brinco, sua mãe que comprou essa roupa?*

Pesquisador: *Foi, minha mãe que me deu essa roupa*

Aventureira: *Que linda, você não tem uniforme? E esse anel, criança não namora*

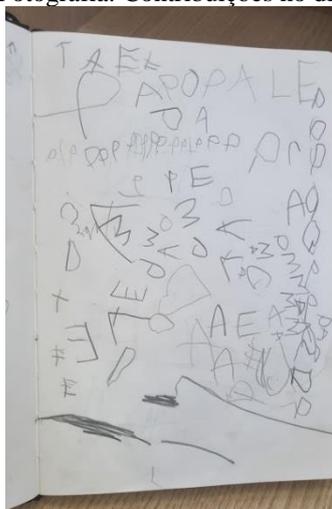
Pesquisador: *Não é anel de namoro, é anel de brincar (foi a resposta que arrumei) e ainda não tenho uniforme. (Notas de Campo 05/05/2022)*

¹ Os nomes das crianças são fictícios a fim de respeitar as orientações éticas na pesquisa com crianças.



O pesquisador não é uma criança, e as crianças e em nenhum momento foi apresentado como tal, mas ser um adulto atípico e se inserir nas atividades como eles gerou questionamentos de comportamentos e elementos do vestuário. Se o novato iria estudar ali, precisava de uniforme (não conseguimos de tamanho grande), de lancheira, de agenda, bolsinha de lápis, livro didático, caderno de desenho, levar brinquedo no dia do brinquedo, obedecer a professora, eles que foram me explicando todas as características daquela cultura escolar ao longo da pesquisa. Decidimos por não eliminar algumas características do mundo adulto, como o brinco, o anel (que foi utilizado em brincadeiras) e fazer uma fantasia de criança, era um adulto, mas que não agiu como os outros adultos da instituição. Tinha também alguns objetos que trouxeram curiosidade das crianças. Um deles foi o diário de campo, que mesmo não sendo utilizado frequentemente, as crianças pensaram que era um caderno de brincar e trouxeram algumas contribuições para ele, desenhando e escrevendo, o que elas chamaram de segredos:

Imagem 1 - Fotografia: Contribuições no diário de campo



Fonte: Arquivos do pesquisador

Os aspectos socioeconômicos também foram questionados pelas crianças. Como no primeiro dia o pesquisador não havia levado lanche, as crianças o questionaram se era porque a “*mãe não tinha dinheiro*” (Notas de Campo, 05/05/2022). O lanche e as trocas de lanches são aspectos daquele grupo de criança que são muito importantes e será melhor explorado posteriormente. Para as crianças, já que o pesquisador seria um colega, elas ficaram curiosas em saber se também levaria lanche ou se teriam que dividir o que elas tinham:

Pedrinho: *Cadê seu lanche?*



Pesquisador: Eu não trouxe meu lanche

Ariel: Sua mãe não tem dinheiro para compra?

Pesquisador: Ela esqueceu de comprar

Ariel: Minha mãe tem dia que não tem dinheiro pra comprar, você quer um pouco do meu lanche

Pesquisador: Obrigado, eu não tô com fome

Ariel: Então come esse biscoito sem fome mesmo. (Notas de Campo, 05/05/2022)

Outro elemento que tivemos que introduzir e levar para realizar alguns registros foi o celular. A professora me ajudou a justificar que seria um brinquedo que a gente poderia utilizar nos recreios e na brinquedoteca. Deu super certo e elas não apresentaram estranhamento e utilizaram fazendo gravações e fotografias. Nas semanas seguintes de observação, os estranhamentos foram diminuindo e a integração do adulto atípico ao espaço das crianças foi se concretizando. Foi tomado o cuidado de não interagir muito com os adultos e mais com as crianças, de participar das brincadeiras e rotinas sem ser cúmplices nas broncas, não denunciar atitudes que a professora não gostava, estacionar o carro bem longe para não ter que explicar por que o “aluno novo sabia dirigir”, entre outros cuidados.

As crianças começaram a convidar o “aluno novo” para participar das brincadeiras e a frequentar os lugares que se escondiam da professora, como debaixo das mesas. As crianças de 4 anos ainda estão maturando as emoções e como o pesquisador era um colega, às vezes, elas sentiam raiva, ciúmes, da mesma maneira que com outras crianças, o que foi levando a uma aproximação das culturas infantil. Uma das crianças costumava morder os colegas, como o pesquisador não era um adulto que dava bronca ou castigava (postura dos adultos da instituição), também levou, em determinado momento, uma mordida dolorida:



Imagem 2 - Fotografia: A mordida



Fonte: Arquivos do pesquisador

O método escolhido tem inspiração declarada na experiência de Willian Corsaro (2005) que se inseriu no espaço das crianças como adulto atípico. Ainda que se tenha inspiração, os protocolos não são rígidos e não foi reproduzido pelo percursor uma receita de como fazer, muito do que conseguimos conhecer da realidade das crianças, das confissões, dos registros e dos repertórios que foram registrados e trazidos para este estudo, só foi possível pela disponibilidade e a confiança que as crianças estabeleceram com o pesquisador. “Esse “pesquisar com” permite criar os registros que fazem parte dessa documentação geográfica das infâncias e, com eles, reescrever as rupturas sociais.” (Lopes, 2021, p. 118).

Em outros contextos as crianças poderiam não aceitar que um adulto adentrasse em seus lugares. A imersão participante permitiu que as crianças revelassem como viviam nos espaços que os adultos destinavam a elas, não foi preciso fazer interpretações ou suposições, o que diferencia esse estudo de metodologias que falam sobre as crianças com visões adultocêntricas. Segundo Corsaro (2005, p. 2005), “Essas reflexões nos impulsionaram a adotar a pesquisa etnográfica numa tentativa de desenvolver um trabalho de evidência e revelação das vozes infantis que permaneceram escondidas nos métodos tradicionais de pesquisa”.

As crianças convidaram o pesquisador a estar no espaço e a conhecer os seus lugares. Uma instituição, em especial a do estudo que tem uma grande quantidade de turmas e de profissionais, é um território onde acontecem inúmeras relações adultos x adultos, crianças x crianças, crianças x adultos, e essas relações, muitas vezes hierárquicas, estabelecem uma forma de experimentar o espaço, de produzir cultura, de estabelecer conexões:



todo espaço, em suas diferentes escalas, é um patrimônio cultural, uma narrativa do grupo social que o habita, é uma linguagem em torno da qual se materializam as relações que se forjam nas diferenciadas instituições e fora delas, é um documento que expressa a [co]existência de diferentes pessoas em [con]vivências, que contam em contas suas geografias do viver (Lopes, 2020, p. 18)

É importante adiantar que a pesquisa foi realizada em um ambiente escolarizado e que mesmo se tratando de uma turma de educação infantil, muitas práticas observadas e experienciadas junto com as crianças se distanciavam dos eixos Interações e Brincadeiras que é previsto para a prática pedagógica. Os registros realizados nesse contexto denunciam também algumas práticas, mesmo não sendo o objetivo deste estudo, poderíamos estar divulgando mais repertórios de momentos da infância, entretanto:

As crianças têm seu tempo organizado pelos adultos, com os horários ocupados, curricularizados, supervisionados, sem permissões para esbanjar o tempo com o ócio ou com brincadeiras, dado estarem realizando atividades diversas o dia inteiro (Voltarelli, 2023, p. 55).

E nesse ambiente escolarizado, o adulto atípico vai adentrando em seus espaços e lugares. Em uma das situações, a professora tinha terminado de explicar uma atividade no quadro e começou a organizar o momento do lanche. Sem a docente perceber, eles brincavam e inventavam histórias longe do olhar adulto, já que estavam escondidas ali:

Resolvo entrar também debaixo da mesa e descobrir do que estavam brincando. Pergunto e Pastor me explica que ali é uma caverna e o Neném que não fala era um dinossauro que irá comer todo mundo, então eles tinham que inventar um plano. A brincadeira nem tinha começado e a professora chega solicitando que todos eles sentassem e abaixassem a cabeça, aqueles que não estavam comendo. Eu faço o mesmo que eles, e Pastor com cara fechada solta um “Que saco” baixinho do meu lado (Notas de Campo, 08/05/2022).

Nessa experiência, conhecemos o primeiro lugar das crianças. Elas estavam em uma instituição com muitas limitações espaciais, ainda assim, encontraram um lugar para elas, longe do olhar vigilante dos adultos. Estar debaixo das mesas, inventar e fazer de conta é uma criação cultural, significa uma transformação da lógica espacial adulta de utilização daquele mobiliário em um lugar somente delas, onde a caverna só é caverna para quem está ali naquela brincadeira. Aconteceram outros momentos que foi possível acompanhar outras brincadeiras. Havia também uma preferência de gênero nas brincadeiras que ali aconteciam: “As meninas me convidam para brincar de experimentar as comidas que estavam preparando. Os meninos perguntam se eu



quero brincar de dinossauro com eles. Mas em um certo momento, começou a brincadeira de mamãe e filhinho onde misturou-se todos” (Notas de Campo, 09/06/2022). Ainda que houvesse preferências, não ocorreu discriminação entre os pares e proibições nas participações nas brincadeiras.

A experiência revelou de maneira profunda a forma como aquelas crianças vivenciam a infância dentro da instituição. Ao inserir-se na rotina da turma de Educação Infantil como um adulto atípico, foi possível testemunhar em as peculiaridades que permeiam o universo infantil naquele contexto educacional. A experiência proporcionou uma compreensão mais rica das do cotidiano das crianças, destacando suas interações, formas de expressão e culturas infantis.

À medida que o pesquisador, inicialmente visto como um elemento estranho, tornou-se uma presença familiar na vida das crianças, o estranhamento diminuiu gradualmente. A aceitação do adulto atípico como parte integrante da turma evidencia a adaptabilidade e abertura das crianças para novas experiências. Esse processo de familiarização contribuiu significativamente para a obtenção de informações que não estão disponíveis aos adultos, já que fazem parte de contextos particulares das crianças e realizados longe dos olhares dos professores.

A metodologia adotada mostrou-se eficaz, uma vez que o pesquisador não assumiu uma postura vigilante ou punitiva em relação às crianças. Ao contrário, ao evitar adotar uma perspectiva adultocêntrica, o pesquisador permitiu que as crianças expressassem livremente suas vozes, necessidades e desejos. Essa abordagem não intrusiva revelou informações importantes da experiência infantil na instituição, proporcionando uma compreensão mais autêntica e respeitosa das crianças como sujeitos ativos em seu próprio espaço.

A entrada como adulto atípico permitiu conhecer as possibilidades que as crianças criam com as oportunidades que possuem. É longe da supervisão do adulto, é debaixo das mesas e atrás das portas que as crianças desta instituição se organizam. E são esses lugares que a metodologia permitiu conhecer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenham sido feitas renúncias de poder sobre as crianças para viverem como adultos atípicos no ambiente escolar, evitando qualquer forma de vigilância e punição, e embora os pesquisadores tenham sido aceitos pelas crianças como os novos colegas de turma, ainda há a limitação da responsabilidade social de proteção que os adultos têm sobre as crianças, ainda sim,



a inserção do campo, com estranhamentos, mostrou-se eficaz para descobrir particularidades daquele grupo de crianças.

Inserir-se em uma turma de primeiro período da Educação Infantil como adultos atípicos representou um desafio monumental. Foi necessário despir-se das responsabilidades e expectativas tradicionalmente associadas aos adultos, permitindo que se sentasse nas mesmas cadeiras e carteiras que as crianças e participasse ativamente das atividades planejadas para elas, as próprias crianças convidaram os pesquisadores a entrar em seus mundos, a conhecer seus repertórios e linguagens únicas, isso permitiu que vissem além das aparências e entendessem as estratégias de sobrevivência que essas crianças desenvolvem em um ambiente escolarizado e vigilante.

Ao aceitar o convite das crianças para se juntar a elas, ao ser aceitos como partícipes daquela comunidade infantil, os pesquisadores foram capazes de romper com as barreiras convencionais que separam o mundo adulto do universo delas. Nesse processo, pode-se testemunhar muitas estratégias criativas e resistentes que essas crianças empregam para navegar por um sistema de ensino que muitas vezes carece de flexibilidade e compreensão em relação às suas necessidades.

A pesquisa teve a oportunidade de vivenciar o poder da autonomia, da curiosidade, da expressão espontânea e da imaginação, características essenciais da infância. Essa experiência proporcionou uma perspectiva única sobre a importância de criar ambientes educacionais mais inclusivos e sensíveis às individualidades das crianças e às necessidades da primeira infância.



REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. 18. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 443-464, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/HkDSKzZZJKdsSFtqBHmZxbF/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 161-179, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742005000200009>

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação infantil**. Brasília: SEEDF, 2018.

FERNANDES, N.. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 66, p. 759-779, jul. 2016 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/jqNWVT4RX8dLfNjKbPgNVfj/?format=html#>Acesso em: 14 nov. 2022.

FOUCAULT, M. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *verve*. **Revista Semestral Autogestionária do Nu-Sol**, n. 5, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/download/4995/3537> Acesso em: 14 nov. 2022.

HALLDÉN, G. **As metáforas da infância em contexto pré-escolar**. Paper apresentado na Conferência AARE, Sydney, 2005 Disponível em: www.aare.edu.au/data/publications/2005/hal05001.p Acesso em: 12 fev. 2022.

LOPES, J. J. M. **Terreno Baldio**: Um livro para balbuciar e criar os espaços para desacostumar geografias, por uma teoria sobre a espacialização da vida de bebês e crianças. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

LOPES, J. J. M. Um dinossauro faminto, um adulto e uma criança: O espaço e as geografias do viver. In: MORO, C.; Baldez, Eitene. **EnLacES no debate sobre Infância e Educação Infantil**. Curitiba: NEPIE/UFPR, 2020.

MARQUES, A. C. T. L. Sociologia da Infância e Educação Infantil: à procura de um diálogo Educação. **Revista do Centro de Educação**, v. 42, n. 1, p. 149-162, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/download/24418/pdf>. Acesso em: 12 fev. 2022.

MARTINS FILHO, A. J.; BARBOSA, M. C. S. Metodologias de Pesquisas com Crianças. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.18, n. 2, p. 8-28, jul./dez. 2010.

NASCIMENTO, M. L. B. P. Sociologia da Infância e Educação Infantil: algumas considerações sobre a aproximação entre essas duas áreas na pesquisa sobre a pequena infância. **Horizontes**, v. 27, n. 2, p. 31-36, jul./dez. 2009 Disponível em:



<https://www.usf.edu.br/publicacoes/edicoes-exibir/75268479/horizontes+volume+27+numero+02+2009.htm> Acesso em: 12 fev. 2022.

QVORTRUP, J. Visibilidades de crianças e da infância. **Linhas Críticas**, v. 20, n. 41, p. 23–42, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4250>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SARMENTO, M. J. S.; PINTO, M. (org.). **As Crianças: Contextos e Identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

VOLTARELLI, Monique Aparecido. **Os estudos sociais da infância na América do Sul**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2023.